



6

MOSTRA
DE
MODA

CURSO DE 91

CITEX - CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL



METAMORFOSES DE OUTONO

Texto de
Maria do Carmo Serén

Fotografia de
JÚLIO A. DE MATOS

**Roupas das colecções dos finalistas do
Curso de Design de Moda 1991 do CITEX**



Roupa de MARIA MATOS

Júlia – ou Justine, reflectida em múltiplas imagens de azul, nos espelhos coniventes daquele lugar anónimo, devolvendo-nos os reflexos dos traços enérgicos, quase masculinos, com que enfrentava alegrias e desesperos. Três espelhos, aquele dia em que riu da vida e chamou a morte, soltando imprecações contra a cidade de todos nós; cinco, alinhados num perfeito labirinto azul-acinzentado, fazendo e desfazendo linhas oblíquas que nos fixavam os olhos e suspendiam a frase. Então, atirou o casaco longo para trás e descobriu o precioso trabalho da blusa branca, numa metamorfose impensada: foi o tempo sem retorno, o momento perfeito.

Tudo começara no interior daqueles círculos mágicos que a cidade cria ao voltar da esquina, ao volver dos desejos;

tinhamo-nos habituado àqueles encontros incausados, repetidos e sempre novos. Falávamos e discutíamos, Margarida presa dos seus entusiasmos, e eu afundado na sua aquiescência. Reunia-nos uma paixão acidental, dois ou três maços de tabaco, copos vazios. Lawrence Durrell fôra redescoberto, primeiro o "Quarteto", em seguida o "Quinteto de Avignon", "O Príncipe das Trevas", falávamos também da sua vida tenebrosa, procurando não desfazer a fundação dos Mitos. Júlia tinha atirado o longo casaco para trás, prendendo os olhares dos outros três. Ao descobrir a blusa bordada, de que apenas tínhamos adivinhado a gola de colegial, o jogo tinha começado: Júlia, a requintada, a sofisticada Júlia de todas as festas e de todos os ditos, transmitindo aquela inquietação que nunca abandonava o poço escuro dos seus olhos interrompidos, Júlia era Justine. Num gesto brusco, sacudidamente masculino, emergindo do interior do branco que os espelhos repetiam, Júlia era Justine, devolvendo-nos uma exclusão adivinhada, rompendo a geometria da sala esvaziada de sentido.

As regras do jogo explodiram como se premeditadas: Jorge envolveu-se no espaço de Nessim, e Margarida era já Melissa, a doce suave Melissa dos pântanos de Alexandria. Sentí-me "condenado a um romance inútil", não sei se o pensei ou recordei o "Quarteto"; eu era aquele outro que surgira, necessariamente o narrador traído, cúmplice e excessivamente empenhado. Era um fim de tarde quase banal, Justine alta e magra encostara-se ligeiramente na parede oposta aos cinco espelhos, gravara a fogo o azul da sua imagem no torvelinho dos reflexos e na minha memória, atirara um pouco para trás o casaco e tornara-se ela mesma.

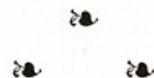




Roupa de PAULA TAVARES

Retorno à cena junto do mar. Quando ela confessara a angústia da morte no mar, não o medo – Júlia desprezava demais a vida para temer a morte – não o horror, mas aquela lenta violência que envolve a vítima, substituindo o ar pela água salgada. “Não é a violência do choque, do acidente, da bala, da queda”, dissera Justine, com aquela voz árida que eu receava porque falava de uma ausência, de um vazio, “é o corpo só corpo inglorio, inútil, a convulsão que agarra uma possibilidade – há sempre uma possibilidade de vida”. Lembro as palavras e o tom cáustico com que acabava, desculpando-se da confidência. A imagem esfumou-se, volto a encontrá-la mas mais tarde, quando na esplanada varrida pelo vento e pelo fim da estação, parecíamos esperar, os quatro, o toque de classe da capa de revista. Sentia-me, então, preocupado com o silêncio de Melissa, definitivamente Melissa, clara e elegante, à espera do momento de atenção que eu lhe negava, nem sei bem porquê. Justine e Melissa tinham entrado no jogo da identificação, e eu sentia-me desajustado e incapaz, sempre presente-ausente de mim mesmo.

Agora é Nessim que olha Melissa, um outro dia, um outro desencontro, preso de uma fatalidade que sem Durrel não teria existido. Vejo-os juntos, comedidos nos gestos e nas expressões, sob a sábia escolha das mesclas de lã macia, tricotada, com camisas Alcântara, como se tivessem escolhido, de comum acordo o mesmo modelo, gritando uma classe que eu nunca sujeitei. Eu e Melissa, que me procura e se aproxima de Nessim que tem Justine. Justine que irrompe da memória sempre que olho Melissa, dura e nobre, a aventura negligente e o arrojo de viver.





Roupa de MARINA MOTA PREGO



Roupa de CRISTINA VIEIRA

Escrevo com aquela paixão a que não me habituo, teço palavras manuscritas, recubro espaços vazios com pulsões peregrinas. Tento esquecer as cores, as imagens que dizem do que não sei –aquela fotografia que rasga o corredor da memória, a rapariga branca no seu corpete colorido, uma réstea de luz e a sugestão mexicana de uma saia. No turbilhão do já vivido, já dominado, é o movimento que se evoca, o oscilar das passamanarias exóticas, inesperadas num saia-casaco clássico. O negro da escrita complica-se, esbate-se.



Nessim espia Melissa, o mar irrompe como som, preso num marulhar de tempo interior. A pérgola pinta-se de tons de painel de feira, algures jovens violentos elevam as vozes, discutem, perdem o tempo que lhes deixaram. “A cidade é a estrutura mestra das nossas acções”, eu ou Justine. A cidade, que aqui não é de granito, espalha-se à esquerda e à direita do Molhe, sobe as colinas que permanecem invisíveis, deixa-se invadir de ervas: o Inverno tenta romper pelo Outono ainda quente. “Gosto desta cidade-aldeia” diz Nessim, adivinhando-me os pensamentos. Nele, as frases mais simples surgem sinceras, autênticas como o tom quente da sua aparência. Agora passeia um fato de aviador, arrogante e insólito, que parece surgido de um Album de Bilal; domina a cena onde Melissa se esbate, ela também saída do celulóide renascido de um velho filme alemão do tempo da Guerra. A cidade estala sob os ventos da noite. Melissa volta-se com aquela lentidão que não se aprende. Um copo range, estala, tritura, a mão de Melissa rasgada numa teia informe. No labirinto da evocação o meu movimento para Melissa é afastado: Justine atira o casaco para trás num gesto displicente e exhibe o branco vivo da blusa.





Homem: Roupas de CRISTINA LOPES
Mulher: Roupas de GISELA WRIGHT



Roupas de GISELA WRIGHT

As crianças. Sempre crianças, inesperadas; entraram como consequência do jogo. São e não são o caminho hermético percorrido no vai-vem das ausências. Belíssimas, representam tudo que de definitivo possa existir, frágeis esquimós coloridos pelas artimanhas da moda, severas e ingênuas, fazendo da exuberância das suas fantasias a estação-trânsito da incompreensão. Entram no momento em que Melissa contempla espantada o copo que fechara na mão, a flor vermelha abrindo-se por entre os dedos. Limpo a mão de Melissa, pensando os nomes suaves que Nessim ensina às crianças: Onix, dodalite, dolomite. A passagem breve da sua visita repousa na cadeira onde Melissa se deixa tratar. Imagino Nessim saindo sem compreender, a camisa branca, fluida como aquelas que Fleming descreve para Tom Jones, tão à vontade num filme de aventuras como no acidente de Melissa. Na trama da cidade as nossas vidas entram-se como as ervas e os líquens, ao despontar o Inverno. Não sei de nada que me pertença, a turbulência das crianças, o pequeno circo que compõem com a roupa, Melissa sorrindo de novo.

O círculo mágico mantém-se. Os rostos são suaves, o Outono espalha-se nas folhas que caem, cansadas do calor. Em nós fez-se a suspensão, como o momento da fotografia. É um grupo estranho, perdendo-se nas cores suaves e outonais, cortadas pelo gélido espírito da cinzenta visão de Masoch.



E entretanto, a cidade ocupara-se de nós. Vivíamos naqueles retiros onde todos se conhecem nos gestos de adeus mal-desfeitos na ponta dos dedos. Saíamos como autómatos educados



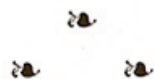


Roupa de MARGARIDA MACHADO



Roupa de CLÁUDIA VAZ

por um computador inteligente, procurávamos e conseguíamos perder-nos nos atapetados corredores que levam aos recintos alheios. Encontrávamos a cidade de noite, como se perseguíssemos impossíveis cais de Alexandria: a Torre escura que vigiava o rio da Vila, descendo pelos Clérigos, antes de se desviar para os Lóios, a caminho dos bares da Ribeira, em Fonte Taurina. Atravessávamos a ponte de baixo e descíamos até a orio do outro lado, atentos aos detritos que escureciamos reflexos de cor dos anúncios de neon. Insólita, Justine tirava um cordão de ouro velho onde pontificava uma Medusa de Lalique e deixava-o cair na corrente. O Mito mantinha-nos unidos, cruzando e descruzando os nós de um destino que há muito não controlávamos. Eramos notados, e continuávamos indiferentes a uma realidade com que tínhamos de contactar quando o Sol rompia a descobrir a cidade. Os dias sabiam a vinho novo, doce e leve, o calendário dizia que o Inverno ia chegar.



Ouço Margarida que regressa das suas saídas exactas e medidas. Escrevia, como todas as manhãs, mantendo-me atento às corridas históricas dos símbolos verdes no visor. Levantava-me tarde, embrutecido por uma noite sem sonhos, lia cartas que amontoava na caixa alentejana, atendia telefonemas de urgência. Mantinha-me fiel ao computador que acumulava as minhas narrativas com êxito que me desagradava. As crianças promoviam festas sob a orientação de Jorge. Frequentemente saíam com ele, voltavam cheias de presentes e indícios de cansaço; Margarida e eu vivíamos afastados deste rebuliço. Jorge mal a via: encontrávamo-nos sempre em grupo.





Crianças: Roupa de RITA CORREIA

Mas o Outono prolongava-se, e com ele o perigo da irrupção da memória. Quando nos encontrávamos, Júlia e Jorge traziam renovadas notícias de um outro romance, aquela novela que fazia furor em Nova Iorque e Providence. Júlia regressava das suas viagens sempre carregada de livros e jornais do underground. Margarida encontrara um interesse que a absorvia na literatura científica: lia "A minha biografia intelectual" e os pinéis secavam no seu atelier, abandonado um projecto qualquer de que me não falara. Em todo o caso evitávamos falar dos outros que tinham mantido as nossas perigosas fantasias. O círculo mágico tornara-se mundano. Riamos do consumismo pequeno-burguês e da política internacional que nos solicitava dos programas televisivos e frequentávamos passagens de modelos que Júlia levava muito a sério. De tudo isso não conservo rostos, símbolos ou desejos. A memória recusava-se a abrir os seus portões fechados, a vida amontoava-se na zona clara do consciente, misturando cores de tecidos, ouropéis onde pontuavam pedras azuis e vermelhos do estilo cigano que crescia na moda.

Escrevia pouco – e escrever parecia ter-se tornado o único interesse que me apontavam. Algures, uma capa azul escondia o manuscrito inacabado que falava de paixão e metamorfose. Agora compunha com lentidão, espreitava as palavras e esquecia o sentido do texto, lá fora a cidade emitia sinais que eu não reconhecia e não me solicitavam. À noite percorria-a de carro,



Roupa de FERNANDA MESQUITA

reencontrando em breves flashes de faróis lugares irreconhecíveis. Anos atrás tinha perdido a Brasileira, esbarrara num balcão de snack e não sabia do lugar preferido; depois fora o Majestic, fugia a refugiar-me em esplanadas falsas, onde através das vidraças empregados silenciosos e atentos prescrutavam uma realidade que mal se entrevia abaixo dalinha do horizonte.



Em dias marcados juntavamo-nos os quatro; Júlia trazia as fotografias a preto e branco que ela mesmo revelava onde, repetidamente, Jorge se pretendia como modelo fotográfico. As fotos onde Júlia aparecia eram coloridas, Jorge era bom fotógrafo a cores e muito prático. Misturavam-se com grupos, sempre os mesmos, nesta estação da neve, naquela rua as tabuletas falavam de línguas nórdicas ou eslavas. Olho agora essas mesmas imagens que povoam as estantes dos livros ou escurecem sobre o fogão: Jorge, Júlia, por vezes Margarida e eu próprio surgem mais estranhos que o excessivo prolongamento daquele Outono. Tal era o malefício da realidade que construímos para sair de um pesadelo de que nunca falávamos, mas que crescia como a nuvem negra que anuncia a chuva.



Um dia encontrei Margarida olhando-se no espelho com a expressão de Júlia. Sem me ver baixou os olhos para a cicatriz que amontoava linhas e pontos na sua mão direita, e eu tive de abandonar silenciosamente a sala para não me ferir na sua expressão de ternura e desencanto. Mas não chegara ainda o tempo do regresso.



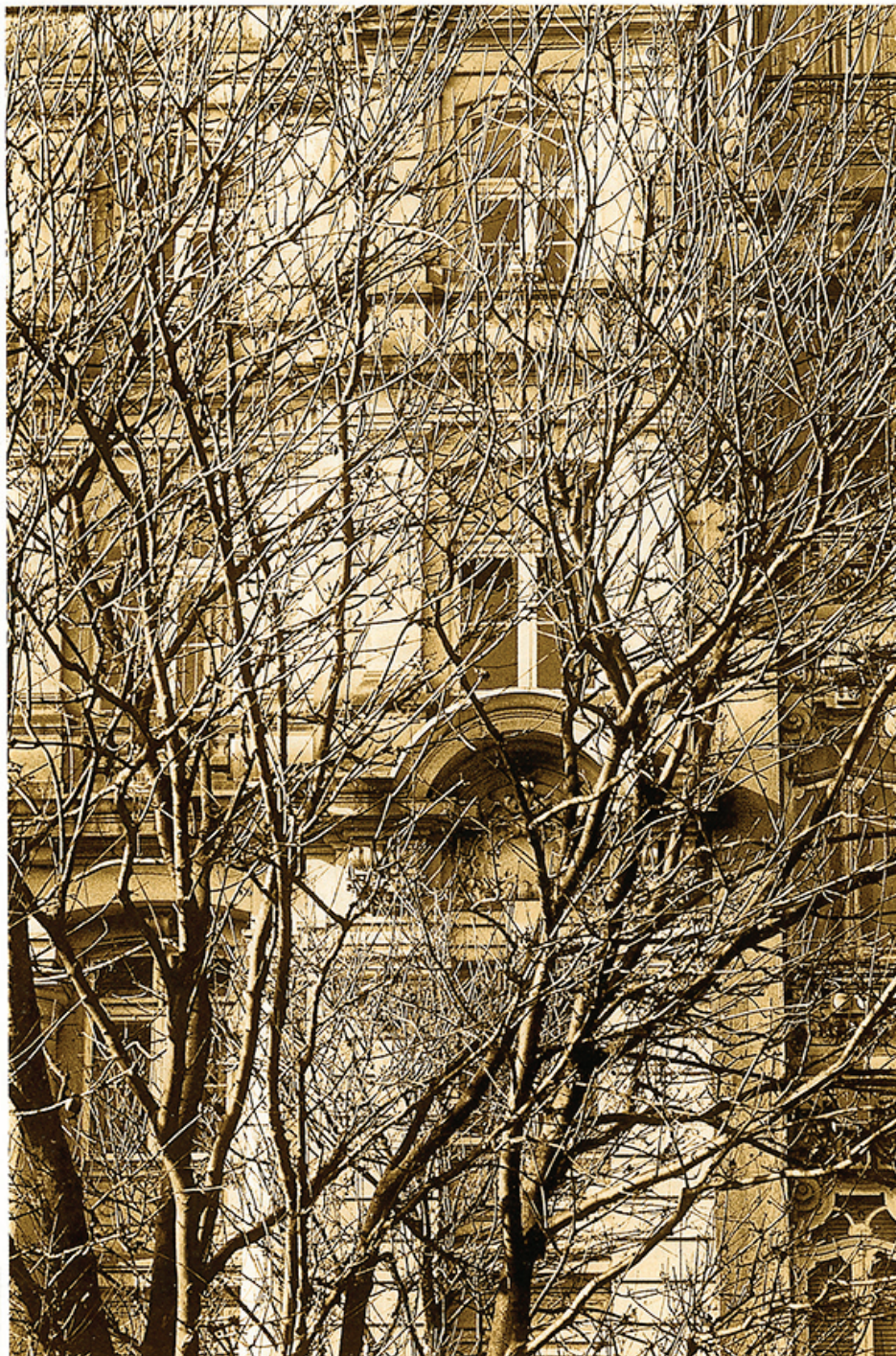
Roupa de MADALENA SALDANHA

Nas nossas vidas as estações passavam e o Outono ainda não terminara; era indispensável que terminasse, era uma loucura, um suicídio, mas uma exigência vital.

O processador tornara-se a sala de espera da minha insatisfação: escrevi, lembro-me agora, aquela página que fala do homem que se fechara na gaiola de um condor, à espera.



Foi quando comecei a sair cedo pela manhã, procurando não sei o quê no deserto matinal da cidade. Parava a meio de uma auto-estrada e saía, sufocado de uma ausência indefinível que a corrida pesada dos Tir não alterava; recusava-me a sair pela estrada da psiquiatria, não falava de angústias ou cansaço, mas sentia todas estas sensações devolvidas nos olhares dos outros três. Quando saí com Margarida, naquela noite de reencontro com a Sé nocturna reconheceu nela os sintomas da angústia que me perturbava. Foi com dificuldade que desceu comigo a Rua escura até aos Mercadores, que daí partiu para o Infante onde a iluminação do Mercado de Ferro lhe fez recuperar a confiança. Um ou outro carro abanava uma mão fora da janela, num gesto de reconhecimento, e ela parecia retomar a calma que era a condição da sua existência; inesperada e concisamente Margarida falou nas crianças como um porto de abrigo. Soube claramente o que pressentira um cento de vezes, Margarida perdera em mim aquele suporte que evitava o seu desgaste contínuo que só acabaria no esquecimento. Em casa, no amplo salão que Margarida criara, a partir da garagem, para meu local de trabalho, e processador de texto, àlerta e paciente esperava por uma actividade que me era cada vez mais difícil. Mas o despertar das ondas, junto ao cais da Alfândega Velha não escoavam qualquer sinal de outros cais distantes.



Roupa de ALEXANDRA OLIVEIRA

O Outono parecia estar no fim; era óbvio que na Avenida os jardineiros tinham alterado a mini-geometria dos canteiros, trocando vasos por outros mais resistentes ao frio; os pássaros da cidade emigravam para as árvores de folha perene, aguardando um Inverno a que só os pardais iriam resistir, e a araucária velha, no declive perto do rio parecia já adormecida. A moda resistia à intempérie que se aproximava: os casacos, as camisolas brilhavam de côr e ornamento, pintando o movimento das ruas de uma festa temporã. As mulheres exibiam lã mohair salpicada de moles de lã esmagada que lembrava recuperados desperdícios abandonados à porta das garagens. Com um sofrimento que me espantava, verificava que a cidade se cobria de cor e de festa. Por esta altura, quando chega o Inverno, as aldeias escondidas e ignoradas que compõem a estrutura urbana manifestam-se através de diacrónicas mensagens; dos seus interiores surgem carrinhos de lata de vendedores de castanhas envoltas num velho saco de sarapilheira; aqui e ali regressam os afiadores de facas de cozinha e tesouras, transportando inúteis velhos guarda-chuvas para consertar aqueles que já ninguém conserta. O ar enche-se então do cântico das gaitas de foles – imitação nacional mais estrídula e igualmente eficiente. Integradas, sem o saber no contexto, as mulheres costumavam usar as cores neutras. Via espantado que agora se vestiam de festa, com cores para as quais desconheço os nomes requintados. O Inverno chegando, julgava eu, punha-se fim às metamorfoses. Nada, nestas ruas onde o nevoeiro baixo casa com os empedrados de granito e onde a chuva desliza até ao obstáculo dos panos estendidos nas soleiras por bem-intencionadas donas-de-casa convida ao devaneio e à imaginação delirante. Anda-se através dos charcos a pensar naleireira que nos espera, entra-se nos carros a pensarem sair: o Inverno convida a repensar a harmonia doméstica.



Mulher: Roupa de RITA PAIS
Homem: Roupa de ANTÓNIO PEDRO MOURÃO



Mulher: Roupa de RITA PAIS
 Homem: Roupa de ANTÓNIO PEDRO MOURÃO

Tinha encontrado Júlia e Jorge na abertura de uma nova e luxuosa filial de um Banco da moda, saído de um conto de fadas. Cada um deles centrava-se num grupo, gritantes focos de atenção. Ele pelo exemplar perfeito do saber viver, envolto nos tecidos, nos cortes, na cor que eram inevitavelmente as perfeitas para aquele sítio, aquele momento. Júlia, numa impensável composição onde velhos brocados eram adulterados por espantosas grinaldas de flores que se entreviam na abertura do casaco. Mistura do Csar Ivan e Ofélia pré-rafaelita, Júlia, indiferente e ativa, era a Júlia do nosso espanto sempre renovado.

E, entretanto, vejo-a sem me levantar do meu local de trabalho: repousa, meio inclinada, na fotografia que esconde os Proust da minha juventude. Uma outra Júlia, vazia de sentido, deslocada de um espaço onde podia ter algum significado. Surge agora num grupo de elegantes, onde o seu sentido é regulado pelos outros. O livro continua a auto-definir-se nas cassetes do gravador, Margarida é alguém que entra e sai, a horas certas, matemáticas, que regulam a minha vida material.

Foi com a mesma lassidão de sempre, o entusiasmo de superfície jogando mal com o vazio que abrigava, que o grupo se reuniu num daqueles dias que eu sabia serem os últimos do Outono que resistia a morrer. Falava-se do romance de Pilar Figueiredo, Júlia fizera qualquer comentário mordaz e esmagara o cigarro que nunca deixava chegar a meio. Eu seguia o seu gesto, deixando vogar os olhos pelo cinzeiro de calcáreo, onde cavaleiros medievais se esmagavam entre colunas ridiculamente pequenas; os esgares, toscamente talhados dos seus rostos fascinavam-me a ponto de levantar o cinzeiro e aproximá-lo dos olhos, enquanto imagens vagas do convento de



Roupa de BÁRBARA VAN ASCH

Pujol e sarcófagos de rainhas portuguesas, a monte com outros, numa sacristia algures em León, me atrevesse a consciência. Lembro-me de segurar com desespero essas imagens, procurando intensificá-las, recusando levantar os olhos. Júlia acendera outro cigarro e segurava na mão um fósforo apagado, aguardando o meu gesto. Sentia, mais do que via, que acabara de pousar no tampo da mesa a carteira de fósforos, negra e doirada, de um hotel qualquer de Hong-Kong. Eu sabia que o Outono estava a acabar ali, naquela sala de convívio, naquele círculo mundano onde crescia o imponderável da magia mimética. Guardando o fósforo na mão Júlia levantou-se, a caverna negra dos olhos mais profunda do que nunca. Ficou direita, de pé, inspirando profundamente o fumo, antes de o deixar sair em sacões rudes que se repetiam intoleravelmente nas imagens múltiplas dos cinco espelhos. Como que obedecendo a um contra-regra cego atirou para trás, impulsivamente o casaco, abrindo-se sobre um complicado conjunto de roupa sobreposta.

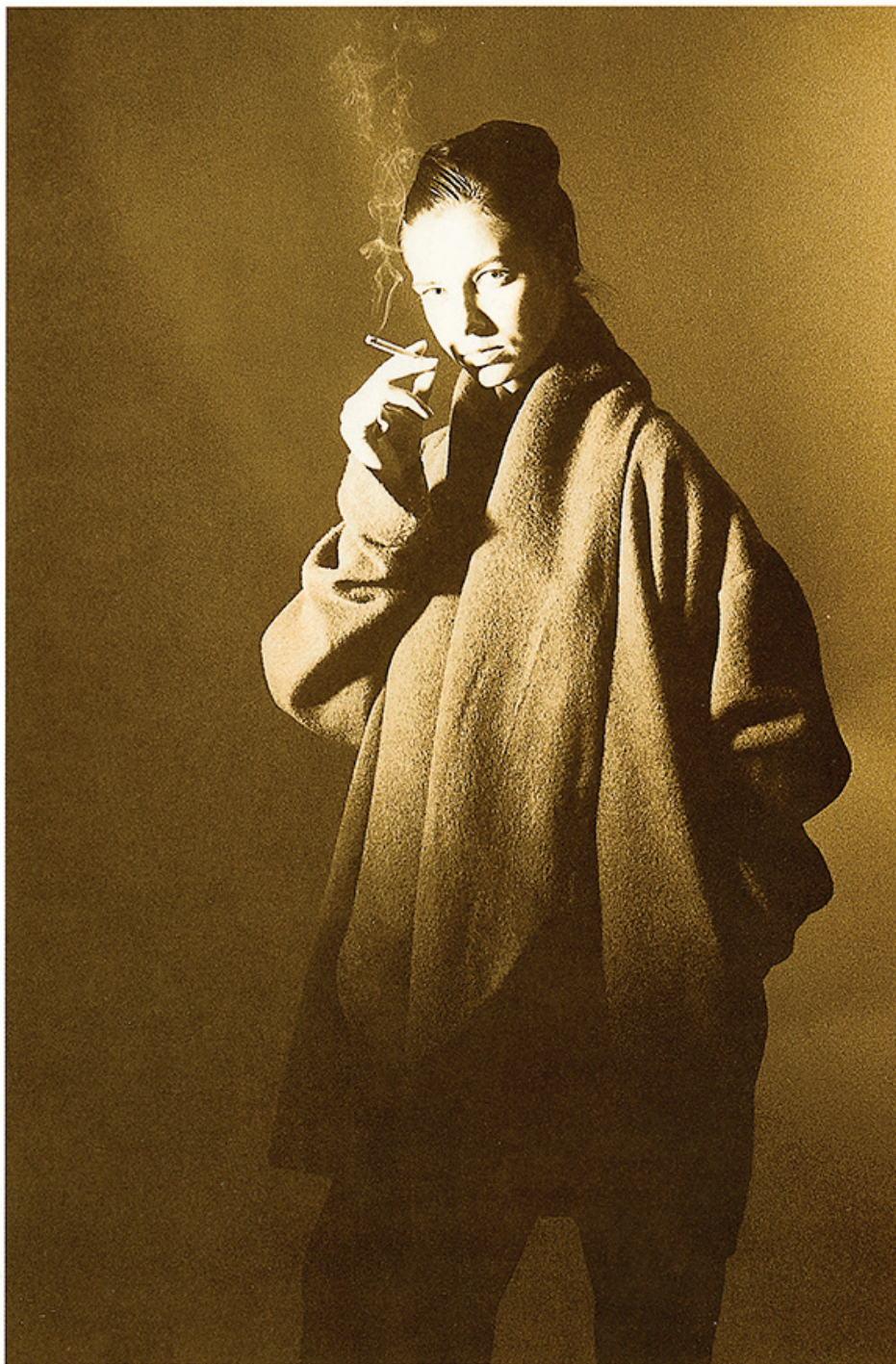


Nessim olhava impudentemente Margarida que conservava os olhos baixos e ainda não era Melissa. Num turbilhão que formava o epicentro no meu peito enfreitei Justine: o gesto sacudido com que fumava repetia-se indefinidamente nos espelhos e despadaçava todas as minhas defesas; sentia o estilhaçar do Outono, dos Outonos daqueles anos. Por entre o fumo dos cigarros, por entre os copos vazios, no silêncio que se criara as metamorfoses tinham voltado. Melissa, muito pálida, olhava Nessim, desesperadamente elegante e ansioso. Os portões fechados da minha memória abriram-se num mar de cor e de vozes, sobrepuuseram-se em tons de azul e cinza ao gesto repetido de Justine. Sentia, tão forte e violentamente o escoar do tempo, como sucedia no manuscrito esquecido na capa azul.

São, definitivamente, os últimos dias de um Outono que se apresenta frio. Os vendedores de castanhas esperam por nós, com cartuxos já feitos com folhas de lista dos telefones, mas o tempo das castanhas quentes já acabou. A cidade enfeita-se para outras festas onde a caridade se conserva como um dom mais precioso do que qualquer prenda de supermercado. Redescubro os caminhos de bichos que sempre percorri, os pequenos cafés de bairro onde se pode comprar uma revista. Melissa, incansável no seu afã de percorrer lojas e boutiques da moda, arrasta-me para uma outra confrontação com um outro objecto que quer comprar para as crianças. Adivinho nelas, e ainda é tão cedo, o estilo de vida renascença que Nessim cultiva, mas entrar neste jogo fascina-me. Descubro nas vitrines iluminadas aquele bibe, aquele boné que compõe fantasias com os seus rostos de duendes felizes. Melissa ri muito, sem parecer sorrir; é uma arte que nunca descobri e ela comunga com Nessim.

Justine, pois. Na balaustrada, olhando sem ver aquele mar que odeia, mas não teme. Introduziu no nosso pequeno círculo um nome, personagem de Durrel: Pursewarden, o eterno ausente, o viajante amante de uma praxis rude e autêntica. Deixara a cidade, diz Justine, cheio de horror e cansaço, não suportando o tédio das azáfamas das compras. Com um bilhete a Justine "A cidade é um polvo. Vou procurar um panda carinhoso". Justine assegura que foi para a China, free-lancer da aventura e da moda. Pursewarden – traduzo, Carlos Pedro, o repórter – tinha-se tornado o bom senso necessário nos nossos devaneios





Roupa de SUSANA RAMOS PINTO

Entrava pela classe média como um perdigueiro e fugia do seu convívio. Combinava com Justine como uma sonata barroca; ela detestava-o com aquela cordialidade a que se habituara nos grupos que frequentava e eram a raiz da sua própria existência. Pursewarden recusava-lhe o histerismo e enviava-lhe postais ilustrados de todo o mundo. Uma vez trouxera-lhe um perfume barato que comprara num quiosque de estação de combóios. Justine, provocantemente, usara-o até ao fim. Nunca falávamos de Nessim nem de Melissa. Justine, receosa do fascínio de Nessim, tentava a sua simbiose com Melissa, copiando-lhe a doçura, o gesto brando e o bom gosto. Esta imitava o tom duro de Justine, o seu arrojo, o seu despreendimento. Com sabedoria deixávamos que o Outono preenchesse aquele vazio que tínhamos deixado crescer contra nossa vontade.



Quando a voz de Justine se calar e o murmúrio das ondas contra os rochedos recuperar o seu espaço, ela volta-se e eu saberei de novo que não sei peregrinar a seu lado, mas que os seus gestos tecem a trama da única vida que sei. De último catálogo de Pursewarden: "A moda é um sistema de símbolos: quem se lembra de quem a usa?" Justine, Melissa, eu e Nessim, nunca cidade onde os sonhos se enredam com a realidade, onde encontramos gotas de rio nos muros que sobem as Congostas, e círculos mágicos se formam ao volver da esquina e um feiticeiro esconde em cada espelho.☛

O Outono é, afinal, uma pouca passagem – do que foi e ainda é nos recantos dos corpos, do porvir que surge no interior dos ventos têpidos e no amarelecimento das folhas: é, necessariamente, uma invenção dos homens e também o caminho das metamorfoses.

É então que o ritmo da memória amolece e abre as janelas a todas as fixações, a todas as neuroses que espreitam as situações da vida. Momentos felizes são reputados, gestos são novamente instaurados como o brilho fixo dos loureiros nas encostas dos carvalhais.

Só então Melissa e Nessim são personagens possíveis, só então o escritor se veste para reinventar uma cidade que ameaça cristalizar na explosão dos sentimentos.

Justine ou Júlia é a sacerdotiza imponderável dessa cidade revisitada; só ela pode, em qualquer momento e em qualquer lugar iniciar o ritual da memória através de um simples movimento dos ombros, instaura então o insólito das cores e o sortilégio do não dito. So ela, porque sabe o poder dos ritos que se metamorfoseiam nos anos e nas côres, pode suspender o Outono e abrir a passagem do Retorno.



**CITEX - CENTRO DE FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL**

TEL.: (02) 683035

RUA PROF. AUGUSTO NOBRE, 483 - 4100 PORTO

CRIADO POR ACORDO ENTRE

